

A estrutura ausente

A função e o signo
Semiologia da arquitetura

A arquitetura e comunicação

Semiologia e arquitetura

Eco começa por definir os limites e a relação entre a semiologia e a arquitetura e os problemas e questões colocados pela arquitetura a uma análise semiológica.

- Estabelece a Semiologia como, não apenas a ciência dos sistemas, mas a ciência que estuda os fenómenos de cultura como se fossem sistemas de signos.
- Delimita a Arquitetura, aos fenómenos arquitetónicos, propriamente ditos, mais os de design e projeto urbanístico.

Desafios e problemas:

- **Principal desafio:** - aparentemente os objetos arquitetónicos não comunicam (assumindo que pelo menos, não são concebidos para comunicar) mas funcionam.
- **Problemas:**
 1. Quando a semiologia pretende fornecer chaves explicativas de todos os fenómenos culturais, é saber, antes de mais, se as funções podem ser interpretadas sob o aspeto comunicacional;
 2. Discernir se o facto de ver as funções sob o aspeto comunicacional não permitirá compreendê-las e defini-las melhor justamente como funções, e nelas descobrir outros tipos de funcionalidade, igualmente essenciais, que a pura consideração funcionalista impedia discernir.

A arquitetura e comunicação

A arquitetura como comunicação

Uma consideração fenomenológica da nossa relação com o objeto arquitetónico diz-nos, antes de mais nada, que comumente fruimos da arquitetura como facto de comunicação mesmo sem excluirmos dela a funcionalidade.

Se tomarmos o exemplo de um homem primitivo, que impelido pelo frio ou a intempérie, se abriga numa caverna, e notando a amplitude da abóbada, vê esta como o limite de um espaço externo amputado. Este modelo é absorvido pelo homem que passa a apreender (conceito).

O princípio caverna torna-se objeto de transação comunicacional.

Neste ponto, o desenho, ou a imagem longínqua de uma caverna já se tornam a comunicação de uma função possível, e assim permanece, mesmo que a função não seja executada nem tão pouco deseje executá-la.

Acontece aquilo a que se refere Roland Barthes em Elementos da semiologia: "a partir do momento em que existe sociedade, todo o uso se converte em signo daquele uso".



A arquitetura e comunicação

Estímulo e comunicação

O que distingue estímulo e comunicação?

Recorrendo a dois exemplos é possível estabelecer uma diferença:

- Estímulo: Alguém que fecha os olhos numa reação a uma luz brilhante;
- Comunicação: Alguém, que ao aperceber-se da aproximação de um carro a grande velocidade, se afasta, assumindo que neste último caso, a interpretação de indícios (ruído do carro) sendo indícios signos que dirigem a atenção para o objeto, através de um impulso cego baseado em códigos e convenções comunicacionais.

Será que a arquitetura propõe estímulos deste tipo?

- A escada atua no indivíduo como um estímulo necessitante, uma vez que, se a escada fizer parte do seu percurso, é necessário levantar os pés sucessiva e progressivamente para a ultrapassar.
Por outro lado, para subir é necessário que o indivíduo tenha aprendido o que é uma escada (aprendemos a subir e portanto aprendemos a responder ao estímulo).

A partir do momento em que se reconhece como função exequível, e como um estímulo necessitante, a escada isolada, passa a comunicar a função que permite.

Nesse sentido, o que permite o uso da arquitetura (passar, entrar, subir, estender-se, debruçar-se, apoiar-se, segurar, etc.), não são apenas as funções possíveis, mas antes de mais nada, os significados coligados que se dispõem para o uso funcional: Por exemplo o fenómeno tromp - l'oeil, no qual as pessoas se dispõem a usar, apesar da função não ser possível.

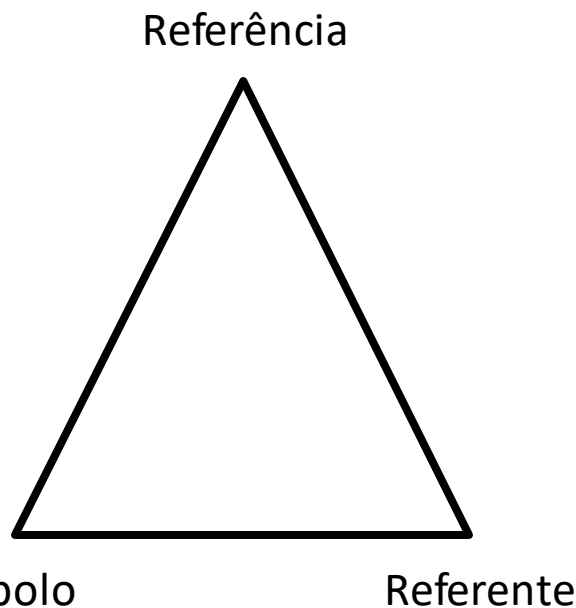
O signo arquitetônico

Caracterização do signo arquitetônico

Estabelecido que a arquitetura pode ser considerada como um sistema de signos, qual o sistema semântico mais apropriado?

Eco descarta a abordagem de I. A. Richards, C. W. Morris, pelas dificuldades na caracterização dos símbolos arquitetônicos e pelos equívocos que se poderiam gerar, atendendo à especificidade dos signos arquitetônicos.

Por isso, mantém uma análise semiológica, que denomina de imposição semiológica a qual não impõe a caracterização do signo com base nos comportamentos que estimula, nem se fundamentada nos objetos reais que o comprovam, a caracterização do signo baseia-se apenas num significado codificado que um determinado contexto cultural atribui a um significante.



Referência ————— Referente
Símbolo

Símbolo ————— Referência
Referente

O signo arquitetónico

A denotação e a conotação Arquitetónica

Denotação

- O objeto de uso é, sob o aspeto comunicacional, o significante daquele significado exata e convencionalmente denotado que é a sua função.
Ou seja: o primeiro significado do edifício são as operações que se devem poder realizar para habitá-lo (o objeto arquitetónico denota uma forma de habitar). No entanto, a denotação ocorre mesmo que não se frua daquela habitabilidade (e mais comumente da utilidade daquele objeto). - caso de uma janela falsa, denota uma função que não existe, mas que se comunica.

Apesar de o objeto de uso denotar a função, esta pressupõe a utilização de códigos.

Tal como a escada, o elevador denota a função de deslocamento na vertical, no entanto esta função, só pode ser percecionada por quem possui os códigos. No caso do homem primitivo, de nada serviria ao projetista elaborar um painel com botões com indicação dos pisos e setas, pois o homem primitivo não possuiria os códigos que lhe permitiriam manobrar o elevador.

É necessário, ao projetista, para tornar funcional uma forma nova, apoiar-se em processos de codificação existentes.

Conotação

- O objeto arquitetónico pode denotar uma função, mas pode conotar outras coisas. No caso da gruta denotando um abrigo, com o passar do tempo poderá passar a conotar " família, núcleo comunitário, segurança, etc..."

Por um lado se uma gruta denota uma *utilitas*, por outro não será útil a conotação de intimidade e segurança conexas aos seus valores simbólicos?

A comunicação Arquitetónica e a História

Funções primeiras e Funções segundas

- Funções primeiras (denotadas- *utilitas*);
- Funções segundas (conotadas -*simbólicas*);

(Os termos decorrem de funções de mecânica semiológica e não por razões de discriminação axiológica).

Eco recorre a um exemplo histórico que permite compreender o entrelaçamento das duas funções:

Os historiadores do gótico, questionam-se sobre o código do gótico, e em particular, sobre o valor estrutural da abóbada e do arco ogivais, as hipóteses mais importantes resumem-se a três:

- 1 - **A abóboda ogival das catedrais góticas, funciona como suporte**
- 2 - **A abóboda ogival não tem valor de suporte, embora dê essa impressão, esse valor pertence, principalmente, às paredes.**
- 3 - **A abóboda tinha valor de suporte no decorrer da construção, funcionando como uma espécie de estrutura provisória.** Sendo o jogo de empuxos e contra empuxos recolhido nas paredes e outros elementos da construção, e em teoria, o cruzamento de ogivas podia ser eliminado.

Qualquer seja a interpretação válida, ninguém questionou que o cruzamento das ogivas denotasse uma função de suporte reduzido ao simples jogo de empuxos e contra empuxos entre elementos nervosos e subtis.

Existirá uma função denotada? Se não existe, mantém-se o valor comunicacional do cruzamento das ogivas, tanto mais intencional e válido por ser articulado para comunicar uma função, não para permiti-la.



A comunicação Arquitetónica e a História

Os significados arquitetónicos e a história

No curso da história, ou passando de um grupo humano para outro, um objeto de uso pode ser submetido às seguintes leituras:

- 1 A) Perde-se o sentido da função primeira
B) Permanecem as funções segundas numa proporção razoável
(É o caso do Partenon, não se compreende a função de culto, mas capta-se boa parte das conotações simbólicas com base num suficiente conhecimento filológico da sensibilidade grega).
- 2 A) Permanece a função primeira
B) Perdem-se as funções segundas.
(O caso da lamparina antiga, assumida sem consideração dos seus códigos de origem, ou inserida noutro contexto estilístico – lamparina rústica como objeto para uma decoração sofisticada – mas conservando-lhes a funcionalidade imediata, e portanto usando-a para iluminar).
- 3 A) Perde-se a função primeira
B) perdem-se quase todas as funções segundas.
C) Substituem-se as funções segundas por subcódigos de enriquecimento.
(Exemplo Típico: as pirâmides – já não sentidas como túmulos dos monarcas-, perdeu-se o código simbólico – astrológico-geométrico -. Porém conotam-se muitas outras coisas – Desde os fatídicos quarenta séculos” de Napoleão até uma soma de conotações literárias mais ou menos autorizadas).



A comunicação Arquitetónica e a História

Os significados arquitetónicos e a história

- 4 A) A função primeira torna-se função segunda
(É o caso da banda desenhada ampliada por Roy Liechtenstein : a mulher que chora, já não denota a mulher da história chorando, mas conota, entre outras coisas, a imagem de “uma mulher chorando vista pela civilização da banda desenhada”).
- 5 A) Perde-se a função primeira
B) substitui-a outra função primeira
C) Deformam-se as funções segundas com códigos de enriquecimento.
(É o caso do berço de Gujurat , transformado em mesa de café – adaptado portanto a uma nova forma de utilidade- enquanto que as conotações conexas à decoração do objeto, válidas para os utilizadores originais, se deformam e conotam algo diferente, como analogias com modos de arte contemporânea ou barbárica, ingenuidade popular, etc...).
- 6 A) As funções primeiras são vagas desde o início
B) As funções segundas são imprecisas e deformáveis.
(Caso da Praça dos três poderes, em Brasília. As formas côncavas e convexas dos anfiteatros das duas câmaras, a forma vertical central não denotam de imediato a função das construções – os anfiteatros parecem esculturas – e não conotam com exatidão algo facilmente reconhecível – De início os cidadãos viram na forma côncava da Câmara uma grande tigela onde os eleitos pelo povo devorariam as finanças públicas).



A comunicação Arquitetónica e a História

Consumo e recuperação das formas

As oscilações entre as formas e a história é um jogo de oscilações entre estruturas e eventos, entre comunicações fisicamente estáveis e o jogo mutável dos acontecimentos que lhes conferem novos significados.

É nesta mecânica que se baseia o fenómeno indicado como *consumo* das formas, *obsolescência* dos valores estéticos.

- A obsolescência dos valores estéticos, é mais evidente em tempos em que os eventos se sucedem com maior frequência.
- Aspeto paradoxal do gosto contemporâneo é que a nossa época, que pode parecer um tempo de rápido consumo de formas(porque de rápido revezamento dos códigos e fundos ideológicos), é na verdade um dos períodos da história em que as formas se recuperam com maior rapidez e se conservam além da aparente obsolescência.
- A vocação filológica do nosso tempo auxilia as recuperações das formas, mas esvazia tais recuperações de importância.
- Como vimos, a história na sua voraz vitalidade esvazia e enche formas, priva-as e enriquece-as de significados.
- A partir do momento em que os desenhadore tomam conhecimento dos ciclos de dissociação entre significante e significado, e dos mecanismos de substituição dos significados, o seu problema consistirá em projetar funções primeiras variáveis e funções segundas abertas.

Os códigos arquitetônicos

Classificação dos códigos arquitetônicos

Códigos sintáticos:

- Os elementos utilizados na arquitetura (Traves, Forros, Abóbodas, arcos, pilastras, paredes), não há uma referência à função nem ao espaço denotado, mas apenas uma lógica estrutural.

Códigos semânticos

- Articulação de elementos arquitetônicos
 - Elementos denotando funções primeiras: Telhado, terraço, trapeira, cúpula, escada, janela...
 - Elementos conotando funções segundas “simbólicas”, frontão, coluna, etc.
 - Elementos denotando “caracteres distributivos” e conotando “ideologias do habitar” : Sala de aula comum, face norte e face sul, sala de refeições, sala de estar..
- Articulação em géneros tipológicos
 - Tipos sociais: hospital, vila, escola, castelo, palácio, estância...
 - Tipos espaciais: Templo de planta redonda, em forma de cruz grega...

A lista poderia estender-se com a elaboração de tipos como: cidade-jardim, cidade de planta romana, etc.

A Arquitetura: Comunicação de Massa?

Persuasão Arquitetónica

Aparentemente a arquitetura parece ter algumas semelhanças com as mensagens de massas:

- O discurso arquitetónico é persuasivo
- O discurso arquitetónico é psicagógico
- O discurso arquitetónico é fruído na desatenção
- A mensagem arquitetónica pode carregar-se de significados aberrantes sem que o destinatário perceba estar com eles perpetrando uma traição.
- Nesse sentido, a mensagem arquitetónica move-se entre um máximo de coerção (Tem que morar assim) e um máximo de irresponsabilidade (pode usar da forma que quiser).
- A arquitetura está sujeita a rápida obsolescência e sucessão de significados se não postular um recurso filológico ;
- A arquitetura move-se numa sociedade de mercadorias,

A Arquitetura: Comunicação de Massa?

Comunicação Arquitetónica

Quem no entanto contempla a arquitetura com olhos inquisitivos tem a sensação que **a Arquitetura é algo mais do que comunicação de massa.**

- **A arquitetura possui aspetos heurísticos e inventivos.** Parte das premissas da sociedade em que vive, mas para submete-las a crítica, e toda a verdadeira obra arquitetónica traz algo de novo, não só quando é uma boa máquina para morar ou conota uma ideologia, mas quando critica, apenas com o seu subsistir, os modos de habitar e as ideologias do habitar que a tinham precedido.
- Através da cadeia semiológica, que faz do estímulo uma denotação e da denotação uma conotação, vemos que em Arquitetura os estímulos são simultaneamente ideologias. **A Arquitetura conota uma ideologia de habitar e portanto oferece-se, ao mesmo tempo que persuade a uma leitura interpretativa capaz de levar a um acréscimo informativo.** Informa sobre algo novo quanto mais quer fazer habitar de modo novo, e quanto mais quer fazer habitar de modo novo, mais persuade, mediante a articulação de funções segundas conotadas, ao fazê-lo.

Códigos externos

A arquitetura deve prescindir dos próprios códigos

Umberto Eco elenca alguns questões relativas aos códigos arquitetónicos :

- a) Parecia-nos que a Arquitetura deveria, **para poder comunicar as funções que quer promover, basear-se em códigos;**
- b) Vimos que **os códigos arquitetónicos propriamente ditos estabelecem possibilidades de movimentação um tanto limitadas** e que se assemelham não a uma língua mas a léxicos retóricos que classificam soluções-mensagem já realizadas;
- c) Consequentemente, apoiando-se nesses códigos, **a mensagem arquitetónica torna-se persuasiva e consolatória, não inova, dá aquilo que dela já se esperava;**
- d) **Todavia a Arquitetura também parece mover-se na direção da informação e da subversão dos sistemas de expetativas retóricas e ideológicas;**
- e) **Deve-se, no entanto, excluir que, para consegui-lo, ela prescindia totalmente dos códigos dados, visto que sem a base de um código não há comunicação eficaz** e não há informação que não se apoie em faixas de redundância.

E propõe códigos abertos tais como os utilizados por Italo Gamberini:

- 1) **signos de determinação planimétrica**
- 2) **Signos de união**
- 3) **Signos de contensão lateral,**
- 4) **Signos de comunicação entre elementos de contensão lateral;**
- 5) **Signos de cobertura,**
- 6) **Signos autónomos de suporte,**
- 7) **Signos de acentuação qualificativa;**

Códigos externos

Os códigos Antropológicos

A antropologia estuda o código de uma linguagem determinada numa sociedade primitiva (e o reduz a um código mais geral que rege todas as estruturas linguísticas em várias línguas); estuda as formas de relação de parentesco, a estrutura urbanística e reduz esses factos a um diagrama unitário:

O arquiteto que devesse construir para uma comunidade do tipo estudado pelo antropólogo, teria à sua disposição três soluções :

- 1) **Atitude de absoluta integração no sistema social vigente.**
- 2) **O arquiteto decide obrigar as pessoas a viverem de um modo totalmente diferente.**
- 3) **O arquiteto tem presente o código de base e dele estuda execuções inusitadas mas que sejam permitidas pelo seu sistema de articulação.**

A Arquitetura é um serviço, na medida que estuda o sistema de expectativas, possíveis, a sua exequibilidade, compreensibilidade e aceitabilidade, a possibilidade que tem de relacionar-se com outros sistemas dentro da sociedade.

Se tanto se fala em trabalho interdisciplinar como base da operação arquitetónica, é precisamente porque o arquiteto deve elaborar os seus significantes com base em sistemas de significados que ele próprio enforma, embora possa ser ele o primeiro a denotar, tornando-os explícitos.

Códigos externos

Conclusão (Brasília)

Tudo o que foi dito até aqui, levaria a pensar que a Arquitetura se restringe a inventar “palavras” para significarem “funções” que não cabe a ela estabelecer.

Ou então o oposto: A arquitetura, tendo individualizado fora de si o código das funções a serem promovidas e denotadas, acionará seu sistema de estímulos-significantes e não só obrigará os homens a viver definitivamente de modo diferente como ditará leis para os eventos.

Estamos perante dois equívocos opostos que levam a dois falseamentos da noção de arquiteto. no primeiro, o arquiteto não teria senão que obedecer às decisões sociológicas e "políticas" de quem decide em seu lugar, e só lhe caberia as "palavras" adequadas para dizer "coisas" que não lhe pertencem e sobre as quais não pode decidir.

No segundo caso, o arquiteto(e bem sabemos quanto essa ilusão dominou a arquitetura contemporânea) julga-se demiurgo, artífice da história.

Cabe ao arquiteto projetar funções primeiras variáveis e funções segundas abertas.

Exemplo:

Brasília devia tornar-se uma cidade de iguais, a cidade do futuro.

Os arquitetos estudaram corretamente os sistemas de funções exequíveis para uma cidade-modelo de futuro correlacionaram dados biológicos, sociológicos, políticos, estéticos, orientação, etc. traduziram-nos em códigos arquitetónicos inventando sistemas de significantes oportunamente relacionados com as formas tradicionais, para poderem articular com as suas possibilidades inéditas, informativas mas razoáveis.

No entanto os arquétipos incorreram em dois erros:

- Tinham aceitado cabalmente as funções identificadas pelo estudo sociológico-político;
- Julgaram que pelo facto de Brasília ter sido construído deste modo a história dobrar-se-ia a seus pés.

Códigos externos

Conclusão (Brasília)

O que aconteceu, foi precisamente o contrário:

- A. Os construtores de Brasília, que deviam habitá-la, eram em número superior aos lugares disponíveis. E assim às margens da cidade, floresceu o núcleo bandeirante, uma esquálida favela.
- B. As super-quadras sul foram construídas primeiro e melhor do que as super-quadras norte que embora mais recentes demonstram sinais de degradação, pelo que os altos funcionários moram mais facilmente nas da ala sul do que nas da ala norte.
- C. A taxa de imigração superou as previsões, e Brasília não consegue conter quem aí trabalha, surgiram cidades satélite.
- D. Os grandes representantes das indústrias, não podendo ocupar as super-quadras, mas muito menos as cidades-satélite, habitam nas avenidas surgidas paralelamente às duas alas de superquadras, em pequenas vilas, mantendo a privacidade de quem lá mora.
- E. Para alojarem novos habitantes, foram construídas imensas extensões de minúsculas casinhas às margens da cidade.
- F. A eliminação dos cruzamentos prolongou os percursos viários, destinados agora apenas a quem ande de carro.



Códigos externos

Conclusão

No momento mesmo em que busca, fora da arquitetura, o código da arquitetura, cumpre também ao arquiteto saber configurar as suas formas significantes de modo que possam enfrentar outros códigos de leitura.

O arquiteto deve portanto receber orientações do sociólogo, do político, do antropólogo, mas também deve saber prever, ao dispor formas que correspondam às exigências desses estudiosos, a falência das hipóteses e a quota de erro nas suas investigações. Cumpre-lhe, em todo o caso, saber que a sua tarefa é antecipar e acolher, não promover, os movimentos da história. O ato de comunicar através da arquitetura concorre, certamente, para mudar as circunstâncias, mas não constitui a única forma de "praxis".

